

FIGURAS POTENTES PARA UMA ESCRITA-CIBORGUE NA ANTROPOLOGIA

Jesser R. de Oliveira Ramos

Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos e pesquisador do Laboratório de Experimentações Etnográficas (LE-E) e do HYBRIS - Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Relações de Poder, Conflitos, Socialidades. E-mail: jesser_oliveira2006@hotmail.com.

RESUMO

Neste presente artigo busquei analisar a escrita de Donna Haraway a partir de suas figuras textuais. O objetivo foi mostrar que sua escrita-ciborgue é uma tecnologia político-analítica que busca elucidar a emergência de figuras potentes, queer, sujas e opacas nas práticas da tecnociência. São figuras que multiplicam, inventam e modulam outras formas de se relacionar, conversar e interagir com as figuras já fabricadas pela

tecnociência. Além disso, procurei mostrar como essa escrita-ciborgue é um exercício realizado por uma ciência corpórea, limitada e parcial. Uma ciência que pretende realizar conexões parciais e alianças perigosas com essas figuras. Argumento que essa escrita-ciborgue possibilita, por meios de suas figuras, a proliferação de diferenças no mundo e no fazer antropológico.

INTRODUÇÃO¹

As figuras textuais de Donna Haraway são imagens potentes para uma escrita-ciborgue na antropologia². Essas figuras são metáforas, tropos, alegorias, imagens, que pretendem produzir um mundo mais habitável, povoado de actantes humanos e não-humanos situados em teias densas e mundanas, bem como estabelecer outros modos de conversas entre os múltiplos modos de existência³. Além disso, essas figuras possibilitam a elaboração de uma escrita que, como uma “prática ortopédica”, ensine como remodelar o que foi estabelecido pelos “modernos” e “humanos” (HARAWAY, 2004, p.3). Remodelar não significa que Haraway pretende resolver as cristalizações do humanismo ocidental mas que ela pretende incorporar novos ruídos, corpos, modos de existir nessa realidade material-semiótica. Nesse sentido, argumento que a escrita-ciborgue é uma tecnologia político-analítica que possibilita, por meio de suas figuras, a proliferação de diferenças no mundo e no fazer antropológico.

Essas figuras são contraditórias, queer, opacas, sujas, e elas buscam estabelecer conexões e alianças possíveis com corpos desarticulados da narrativa histórica ocidental branca, heterossexual e masculina. São figuras feministas que não podem ter um nome - elas podem ser ciborgues, Chthulucene, cães, ou testemunhas modestas. Tais figuras feministas devem resistir à representação e à figuração literal e, assim, gerar novos tropos poderosos, novas alegorias de discurso e novas possibilidades históricas. Não busca-se de construir categorias essenciais e fechadas de identificação, mas modos articulados de existir no mundo.

1 Este artigo é resultado de minha pesquisa de iniciação científica financiada pela Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sob orientação da Profa. Dra. Catarina Morawska.

2 A análise foi feita a partir de um período específico da obra de Haraway que vai de 1985 até 2016. Abrangeu desde o “Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX”, publicado em 1985, até suas recentes discussões sobre antropoceno (2015 e 2016). Contudo, é importante destacar que sua obra intitulada “*Staying with the Trouble Making kin in Chthulucene*” (2016) não foi analisada pelo fato de não ter sido possível adquiri-la.

3 Haraway (2004, p.2) entende esses seres como congestionamentos de suas histórias formativas. São, nesse sentido, uma convenção de muitos eventos que se juntam em seres provisórios e permanente emergentes.

Essas alegorias se conectam e se aliam de forma parcial e provisória com outras imagens a fim de estabelecer outras formas de conversas entre os actantes. Uma figura alegórica utilizada por Haraway para mostrar como essas conexões e alianças acontecem é o discurso de Sojourner Truth na Women's Rights Convention em Akron, Ohio, Estados Unidos, em 1851. Sojourner após ouvir homens cristãos dizerem que mulheres não podiam ter o mesmo direito que homens por serem frágeis e intelectualmente inferiores, por Jesus ser homem e não mulher, e por a primeira mulher ter sido pecadora, os questiona se ela era ou não mulher, uma vez que nunca tinha sido ajudada a subir em carruagens ou por sempre ter trabalhado na colheita, e ainda aguentar o açoite. A única pessoa que a ouvia quando tinha seus filhos roubados pela escravidão, segundo ela, era Jesus. Haraway mostra como Sojourner utiliza a imagem de Jesus enquanto um servo sofredor para reivindicar o status de humanidade para uma figura inapropriada, indecifrável, duvidosa, fora do lugar, confusa, não-gramatical: a mulher negra.

Não se tratava, evidentemente, de construir uma imagem universal e fechada, possuidora de uma substância coerente com dois ou mais atributos, mas uma singularidade incongruente que evocava uma humanidade excluída e perigosamente promissora. Com efeito, de acordo com Haraway (2004), as articulações desse discurso podem ser lidas como a busca por uma “linguagem comum que faz reivindicações sobre cada um de nós coletiva e pessoalmente” (p.54, tradução minha), precisamente porque busca resistir a uma identidade e também reivindicar o status de humano. Em seu discurso Sojourner utiliza seu corpo como uma figura potente capaz de confrontar discursos masculinos, brancos e cristãos e, assim, segundo Haraway, transformar a diferença em uma ferramenta para colocar as realidades dolorosas e práticas de desconstrução, desidentificação e desunião a serviço de uma humanidade articulada.

É nesse mesmo sentido que, para Haraway, a teoria feminista deve utilizar essas figuras móveis e articuladas a fim de produzir uma escrita que seja responsável e política. Uma política da diferença que não decreta a “morte do sujeito”, mas que mostre a não existência de uma subjetividade coerente e a emergência dos “outros inapropriados”⁴. Nessa escrita, que eu chamo de escrita-ciborgue, esses outros-inapropriados são conectados com as figuras textuais da tecnociência masculinista para, assim, desarticular as ficções organicistas e auto-invisíveis típicas dessa ciência. Nesse sentido, argumento que a escrita-ciborgue pretende confrontar essa

4 Essa imagem dos “outros-inapropriados” é trazida das reflexões da escritora vietnamita Trinh T. Minh-ha (2004, p.55).

ciência transparente e límpida ao trazer suas figuras queer, sujas e opacas para uma conversa parcial e perigosa.

Nessa política das diferenças, a escrita-ciborgue pretende buscar a especificidade, a heterogeneidade e a conexão mediante a luta pela parcialidade contingente. Essa parcialidade é uma forma de construir uma ciência que seja corpórea e limitada. Esse corpo dado à ciência é uma maneira de mostrar como ela é localizada no processo de fabricação das práticas científicas. Localizar é produzir um conhecimento situado no tempo e no espaço. Uma ciência com um dispositivo ótico (seu corpo) que possui um campo de visualização limitado e provisório. A ciência feminista de Haraway não pretende, desse modo, produzir práticas transparentes, mas práticas opacas, corpóreas, localizadas e limitadas.

Além disso, a escrita-ciborgue pretende estabelecer conversas não-inocentes e criativas com esses outros-inapropriados. Para isso, ela realiza conexões parciais e alianças provisórias entre essas figuras inesperadas e as outras figuras elaboradas tradicionalmente pelas práticas tecnocientíficas. O objetivo dessa escrita é produzir potentes conversas entre esses parceiros para que, assim, se proliferem múltiplos modos de existir. A escrita-ciborgue é também um modo de estabelecer conversas permanentemente inacabadas e não-inocentes entre imagens que emergem historicamente nas práticas tecnocientíficas.

São esses dois movimentos político-analíticos realizados por Haraway que pretendo mostrar neste artigo: tanto os modos de estabelecer conversas com figuras inesperadas na economia do texto, como essa fabricação de uma ciência que possua um corpo e que possua um campo de visualização limitado e provisório. Para visualizar como essa escrita-ciborgue constrói sua narrativa política pretendo, em primeiro lugar, mostrar como Haraway utiliza os cães e o chthulucene como figuras metafóricas para elucidar outros modos de existências no mundo e, também, para pensar as relações entre os actantes humanos e não-humanos de outra maneira. Em seguida, busco mostrar como a escrita-ciborgue de Haraway faz uso das testemunhas modestas e do ciborgue como alegorias para fabricar uma ciência feminista que é corpórea, política, parcial, situada e articulada. Por fim, procuro mostrar, a título de exemplo, como essa imagem do ciborgue é evocada pela antropologia para produzir uma escrita que faça conexões parciais e que seja afetada por imagens nativas.

OUTROS-INAPROPRIADOS NA SEMIÓTICA TECNOCIENTÍFICA: OS CÃES E O CHTHULUCENE

Os outros-inapropriados são pensados por Haraway como actantes que estão

em conversa, em conexão e em relação com outros actantes dentro de um lugar tópico - um outro lugar, um lugar comum. A “natureza artefactual” (artifactualism nature) é um desses lugares tópicos ou fictícios onde actantes, humanos e não-humanos, constroem práticas discursivas de forma compartilhada. Essa natureza não é um outro que pode ser possuído ou reificado, mas sim lugares comuns e localizações compartilhadas que ordenam discursos e compõem as memórias desses atores. Para a autora, falar que atores humanos e não-humanos constroem esse lugar tópico não é a mesma coisa que dizer, como os pós-modernos, que o mundo se desnaturaliza e se reproduz mediante imagens ou se copia por meio de réplicas. O mundo aqui em questão é composto por múltiplas figuras emergentes que constroem maneiras de se relacionar.

Desse modo, entender a natureza como artefato e inserir esses outros-inapropriados nas práticas discursivas possibilita repensar as premissas modernas e pós-modernas, bem como os dualismos natureza/cultura, político/técnico e ciência/sociedade. Isso não quer dizer que Haraway pretende resolver esses dualismos por meio de sua escrita-ciborgue, mas que ela pretende tornar visível outros tropos que são excluídos desses lugares tópicos. Sua escrita não é nem naturalista nem construtivista, mas é um esforço histórico para chegar em outro lugar. Um esforço que pretende entender o mundo como um aparato de produção corporal, que é fabricado por múltiplos atores semióticos humanos e não-humanos.

Nessa escrita, o mundo não é um substantivo, mas um verbo. Um mundo que é movimentado e deslocado nas permanentes conversas entre os parceiros. Tais conversas são formas de se relacionar que não constroem marcas taxionômicas entre os actantes mas produzem alianças entre eles dentro da “natureza artefactual”. Nessa natureza, enquanto um dispositivo ótico em que os raios difracionam, os outros-inapropriados estão em uma relacionalidade crítica, desconstrutiva com os outros actantes. Ou ainda, em uma difração que multiplica atores e relações, em vez de refletir a racionalidade humana. Segundo Haraway (2004, p.69-70), nessa relacionalidade, o outro-inapropriado é descolado a partir de “mapas disponíveis, especificando tipos de atores e tipos de narrativas para que não sejam originalmente fixados pela diferença”. O outro-inapropriado, portanto, é uma alegoria feminista que sugere uma outra geometria e uma outra ótica para pensar as relações de diferença para além da dominação, da proteção paternalista e colonialista e da produção instrumental de recursos.

Além disso, as figuras textuais de Haraway são alegorias difratadas que possibilitam pensar os outros-inapropriados emergindo de uma ficção científica

chamada outro-lugar. Um lugar composto por *padrões de interferência* e onde os outros-inapropriados habitam. Nesse outro-lugar, os outros-inapropriados estão localizados na posição de sujeito ciborgue - um composto orgânico, técnico, mítico, textual e político - que provoca, por meio dos seus raios de interferência, um colapso nas narrativas tecnocientíficas modernas. Dessa forma, a escrita-ciborgue, enquanto uma tecnologia político-analítica, olha para os padrões de interferência desse lugar fictício não para mapear onde as diferenças aparecem, mas para mapear onde os efeitos da diferença aparecem. O mapeamento de tais efeitos possibilita que a escrita visualize as múltiplas figuras difratadas emergindo nesse outro-lugar.

A escrita-ciborgue de Haraway pretende utilizar um motor semiótico a-moderno⁵ que forneça uma narrativa histórica não sobre o progresso mas sobre uma interação permanente entre actantes humanos e não-humanos, através da qual vidas e mundos se constroem. Uma narrativa que se preocupa com as relações co-constitutivas, nas quais nenhum dos parceiros pre-existe a relação e a relação não é feita em definitivo. Dessa forma, os cães, uma dessas figuras feministas, não são uma projeção do humano, nem a realização de uma intencionalidade humana, e nem o telos de qualquer coisa do humano. São, segundo a autora, uma espécie em relação obrigatória, constitutiva e protetora com os humanos.

Haraway argumenta que os cães e os homens estão inseridos em redes de relações de co-constituição, coevolução, comunicação e colaboração. Esse argumento se afasta das narrativas antropológicas que entendem essa relação como sendo possível apenas quando há intencionalidade humana. Descola (2002, p.103) argumenta que os povos da América do Sul vêem os animais passíveis de serem caçados como sujeitos independentes e coletivos que possuem uma relação contratual com os homens. São vistos, segundo o autor, como um alter-ego em posição de exterioridade absoluta. Mesmo os animais domesticados possuem um status de quase-pessoa. Nesse sentido, a relação entre os animais e os humanos ocorre ainda com o humano sendo a medida de todas as coisas. Só é possível pensar numa relação em que os animais sejam alter-ego, quase-pessoa, sujeitos. De outra forma, Haraway sugere que é preciso pensar outras formas de significar essa relação que escape dessa linguagem paternal. Não se trata de novas representações, mas novas práticas, outras formas de vida que reúnem os humanos e não-humanos.

Seguindo o argumento da arqueóloga Crockford (2000), a autora mostra

5 A-moderno refere-se a uma visão da história da ciência enquanto uma cultura que insiste na ausência de começos e finais. Para Haraway, o mundo sempre esteve no meio das coisas, em conversas e práticas desordenadas, cheias de ação e sempre foi estruturado por um conjunto de actantes e de redes e coletivos (HARAWAY, 2004, p.77).

que os lobos, em sua busca por comida, utilizaram uma substância do seu corpo, a tiroxina, para construir uma relação com os grupos de caçadores e coletores. O ponto aqui não é dizer que os cães descendem dos lobos ou que eles se tornaram cães devido a uma substância biológica, mas que esses animais possuem agência que está para além do humano. Foram os lobos que se domesticaram e não o contrário. Além disso, uma espécie companheira toma forma na relação, se co-constitue na relação com o homem ou com qualquer outro actante. Esses actantes estão dentro de uma rede de relações, articulações, alianças e conexões que nunca tem um início e que nunca termina. Dessa forma, na escrita-ciborgue, as espécies companheiras não estão envolvidas em outro confronto hegeliano de eu-outro ou natureza-cultura. Essas espécies não são também outra versão de uma dialética marxista e humanista da natureza refeita pelo trabalho. Trata-se, ao contrário, de mundos em conversas, de formas articuladas da história.

Nesse sentido, essa figura das espécies companheiras fornece o argumento central de Haraway (2004, p.306): os homínídeos não “inventaram” a natureza e a cultura, mas todos os jogadores (actantes humanos e não-humanos) emergiram em uma espécie de conferência, na qual nenhum dos atores precede ou termina a interação. Esses atores estão em uma co-constituição e co-habitação permanente que possibilitam a produção de múltiplas práticas de viver e florescer. Com efeito, essa figura feminista faz com que Haraway repense, em sua escrita-ciborgue, as questões da comunicação e do controle dentro dos lugares dicotômicos: natureza e cultura. A autora propõe que se afaste de uma narrativa científica e masculinista que estabiliza e materializa a natureza para, assim, policiar seus limites que buscam manter uma realidade essencial.

Discursos científicos masculinos sobre a natureza utilizam-na como um recurso ou uma construção que opera como uma tecnologia para transformar o mundo em sua imagem. São procedimentos despolitizados e desincorporados de especialistas que utilizam a dinâmica da representação para “inaugurar o reino da liberdade e comunicação” (2004, p.82). Em tais discursos, quem representa, ou seja, o cientista, está distante do que é representado. O representado funciona como o lugar que se destina a ação, como uma matéria que é nomeada por dispositivos de inscrições. Essa prática científica é ao mesmo tempo uma política de representação e também uma política sem um corpo visível. De modo distinto, a escrita-ciborgue de Haraway pretende ser uma política da articulação e uma política corporificada.

Nessa política de múltiplas formas de articulações, os atores são entidades que fazem coisas, têm efeitos e constroem mundos em concatenações com outros

atores diferentes. Os actantes humanos estão, através de várias mediações semióticas significativas, em relações articuladas e em movimento com os outros actantes não-humanos. Essa articulação pode ocorrer em um espaço interno do corpo biomédico quando, por exemplo, as culturas militares fazem uso do sistema imunológico como uma tática de defesa pessoal, cultural e nacional de um indivíduo (o corpo). Tal articulação também pode ocorrer no espaço virtual, onde, por meio do uso articulado da linguagem, se constrói uma ficção científica que desestabiliza a lógica fechada de uma misoginia racista e mortal. Desse modo, tanto no corpo como na linguagem, articular é significar. É colocar coisas juntas. Por em conexão coisas assustadoras, arriscadas e contingentes.

Nas recentes discussões sobre antropoceno⁶, Haraway (2015, 2016) evoca a imagem do “Chthulucene”⁷ para pensar as intervenções humanas nas mudanças ambientais. Essa figura possibilita a visualização de outras relacionalidades entre actantes que emergem no espaço da “natureza artefactual”. A crítica da autora ao antropoceno está no anseio dessa figura em se tornar um modelo global de compreensão das mudanças ambientais. O antropoceno seria uma espécie de *serviço ecossistêmico*, um modo de produzir monetarização sobre questões ambientais e também uma maneira de compreender essas mudanças ambientais a partir do que ela chama de Capitoloceno. O Capitoloceno é uma alegoria utilizada para responsabilizar o sistema capitalista pelas mudanças no ambiente, uma vez que foi ele que impulsionou a exploração da Terra por meio da produção maciça de riquezas. Além disso, outro problema para Haraway está no fato do antropoceno ser entendido como um ato da espécie humana. O Antropoceno implica num humano individual, que se desenvolve, e produz uma nova paisagem de mundo, sem possuir relação com outras formas de vida.

O ponto para a autora não é negar a interferência de práticas capitalistas nas mudanças ambientais. Trata-se, antes, de fabricar uma metáfora, o Chthulucene, que visualize o mundo não como um ato da espécie humana, mas como um lugar tópico compartilhado por pessoas e por uma multiplicidade de outras espécies. Esse

6 “Popularizado por Eugene Stoermer e Paul Crutzen, Antropoceno nomeia uma era na qual a indústria humana chega a igualar ou até a ultrapassar os processos da geologia, e na qual humanos em sua tentativa de conquistar a natureza têm inadvertidamente tornado-se uma força principal em sua destruição” (Donna Haraway, Noboru Ishikawa, Gilbert Scott, Kenneth Olwig, Anna L. Tsing & Nils Bubandt, 2015. tradução minha.)

7 Haraway, constrói esse conceito a partir do conto de H.P. Lovecraft, O chamado de Cthulhu, que fala sobre humanos que têm suas mentes deterioradas quando, em rituais ao deus Cthulhu – uma mistura de homem, dragão e polvo que vive adormecido sob as águas do Pacífico Sul – conseguem vislumbrar uma realidade diferente da que conheciam. O que Haraway está propondo é entender esses processos de mudanças ambientais como uma fluência temporal em jogo, em que uns estão em relação aos outros no jogo.

dispositivo ótico entende, segundo Haraway (2015), esses processos de mudanças não como descontinuidades históricas, como no antropoceno, mas como continuidades do mundo - em meio a relações de múltiplas espécies e forças - no seu passado, presente e no que está por vir. Segundo Haraway (2015, p.160. tradução minha), “meu Chthulucene, mesmo sobrecarregado com seus tentáculos gregos problemáticos, envolve uma miríade de temporalidades e espacialidades bem como uma miríade intra-ativa de entidades-em-agrupamentos – incluindo os mais-do-que-humanos, outros-humanos, inumanos, e humanos-como-humus”. O Chthulucene é também uma forma de elucidar a interação e a emergência de outros-inapropriados na produção desse lugar comum.

Sendo assim, na escrita-ciborque, segundo Haraway, a articulação deve permanecer aberta de forma permanente e, assim, suas densidades acessíveis à ação e à intervenção. Ela não fecha o sistema de conexões sobre si mesmo, uma vez que esse procedimento possibilita a produção de uma representação simbólica que congele o mundo. Ao contrário, essas práticas articuladas possuem um potencial permanente de geração, e não de reprodução, de coisas inesperadas. Dessa forma, as fronteiras discursivas são provisórias e nunca estão acabadas nessas práticas. Segundo Haraway, todos os actantes estão em fronteiras quiasmáticas, “onde novas formas, novos tipos de ação e de responsabilidade estão se gestando no mundo” (2004, p.90). Suas figuras, nesse sentido, são constituídas por articulações de diferenças críticas dentro e fora de cada figura.

Nessa prática articulada, a natureza não é apenas um lugar físico para onde se pode ir. Não é uma essência para ser salva ou violada. Não está escondida e nem precisa ser desvendada. Ela não é o Outro que oferece origem, reabastecimento e serviço. Em uma política de articulação, a natureza é um topos - um lugar comum amplamente compartilhado onde “todos os parceiros nas potentes conversas que constituem a natureza devem encontrar um novo fundamento para fazer significados” (2004, p.126). Além disso, nessa política da articulação, a redução de alguns atores em recursos é regularmente contestada por atores humanos e não-humanos. E essa reivindicação é articulada dentro do espaço sempre histórico e heterogêneo da “natureza artefactual”. A natureza é, portanto, uma metáfora ou um tropo que possibilita construir conversas com outras metáforas sobre outros mundos habitáveis.

Dentro dessa “natureza artefactual”, que não é nem sociedade (cultura) e nem natureza, os outros-inapropriados emergem e se articulam com os outros actantes. Os outros-inapropriados se articulam no mundo de forma coletiva, unindo

produção de conhecimento e construção do mundo por meio do engajamento e da comunicação. Um movimento articulado que possibilita o processamento das diferenças e a emergência de múltiplos modos de vida. Esses outros-inapropriados nas diferentes narrativas históricas, de acordo com a autora, formam, por meio de alianças, uma família estranha (queer) que promove congestionamentos nas narrativas da tecnociência.

A produção desse mundo articulado provoca a mudança de padrões, fluxos e intensidades de poder por meio de práticas não-inocentes e contestáveis, bem como por meio da aliança com parceiros provisórios. Nesse sentido, essa política articulada não pretende ser auto-invisível, como as “testemunhas modestas”, mas sim uma política corporificada que produz um conhecimento situado e parcial. É isso que caracteriza a escrita-ciborque: uma escrita que realiza - e assume - conversas e alianças com figuras potentes, corporificadas, sujas, queer. Escrita que não se pretende transparente mas sim opaca, com ruídos, com interferências e com contestações.

A FABRICAÇÃO DE UMA CIÊNCIA CORPÓREA, LIMITADA E SITUADA

Testemunhas modestas (modest witness) são outra alegoria utilizada por Haraway (1997) para refigurar as práticas discursivas e comunicativas da tecnociência. Uma figura que contrapõe sua escrita corpórea e localizada com a ciência experimental masculina que se auto-invisibiliza. A auto-invisibilidade é a forma da modéstia científica, europeia e moderna. Nessa narrativa científica, a testemunha modesta (o cientista) é dotada de um notável poder para estabelecer os fatos. A credibilidade deles se estabelece quando o testemunho é público e coletivo. O ato público, além do mais, deve ocorrer em lugar que pode ser semioticamente aceito como público e não privado. Nessa ciência, tanto os fatos como as testemunhas modestas habitam as zonas privilegiadas da realidade “objetiva” por meio de uma poderosa tecnologia da escrita. Na fabricação dessa tecnologia, a mulher é invisibilizada fisicamente e epistemologicamente. Os homens, por sua vez, só são invisíveis epistemologicamente.

Essa testemunha masculina é objetiva, ela garante a clareza e a pureza do objeto, e sua própria subjetividade é objetiva. Garantem também narrativas que são como espelhos claros e totalmente mágicos. Para Haraway, esses homens habitam os espaços como uma “cultura da não-cultura” (2004, p.23). São homens porta-vozes da transparência cujo único traço visível é sua límpida modéstia. De forma distinta, grande parte do que se considera feminino é desvalorizada. Ainda, segundo

Haraway, os cientistas homens desse modo de vida experimental veem gênero e raça como máquinas perigosas que precisam ser controladas para assim se manter o poder masculino branco e heterossexual. Busca-se esse controle por medo de que se criem terceiros e quartos sexos, escapando de todos os limites de Deus e da Natureza.

Uma prática modesta que pretende ser moderada, solícita, equilibrada e prudente. A agência da prática das testemunhas modestas é localizada na virtude masculina exercida em espaços públicos. Sendo assim, essa agência proporciona que homens modestos sejam auto-invisíveis e transparentes, a fim de que “seus relatórios não sejam poluídos pelos seus corpos” (HARAWAY, 1997, p.32). Somente dessa forma as suas descrições científicas de outros corpos ganham credibilidade e minimizam a atenção voltada para seus próprios corpos. Nesse lugar, as mulheres modestas não possuem agência epistemológica e o único tipo de visibilidade a elas atribuído - seu corpo - é percebido como subjetivo. Esse outro-inapropriado é um eu parcial, opaco e não-objetivo, que passou a ser o objeto da visão das testemunhas modestas.

Essa prática científica é, segundo Haraway, o gesto fundador da separação do técnico e do político. Uma prática técnica sem ligações políticas, cujo objetivo era forçar, por meio da sua virilidade, a natureza revelar seus segredos⁸. De acordo com a autora:

O véu é o elemento principal nos sistemas ocidentais de representação, incluindo grande parte da tecnociência. O objetivo do véu é prometer que há algo por detrás dele. O véu garante mais o valor da busca do que o que se encontra. O sistema metafórico de descobrimento que é tão crucial para o discurso sobre a ciência depende de que haja coisas escondidas esperando a ser descobertas. Na narrativa tecnocientífica o pesquisador é um herói - outro aspecto de valor epistemológico masculino. (1997, p.33).

De forma parecida, Bruno Latour e Steve Woolgar (1997 [1979]) argumentam que na produção dos discursos científicos não há união do conteúdo científico e do contexto social. Latour e Woolgar mostram como, no contexto de um laboratório, todos os processos de inscrição que fazem parte da formação dos discursos são invisibilizados na produção de fatos, para que suas atividades não sejam assimiladas a crenças, cultura ou mitologias. Apresentam-se de modo público, na forma de artigo por exemplo, como um produto técnico acabado. Desse modo, segundo os autores, os cientistas buscam convencer os outros “da importância do que fazem, da verdade do que dizem e do interesse que existe no financiamento de seus projetos” (1997 [1979],

8 Segundo Haraway, a natureza é um multiplicador de feitos do herói. É uma fantasia materializada, uma projeção cuja solidez está garantida pelo representante auto-invisível.

p.68). Forjam uma representação do que é válido e do que não é. Essa representação é o que propicia o estabelecimento do status objetivo do conhecimento científico.

Ainda de acordo com Latour e Woolgar, nesse processo de representar as operações científicas são formados novos objetos ou aliados por meio dos dispositivos de inscrição. Nesse mesmo processo, os cientistas falam como porta-vozes dos objetos sem fala e se inscrevem como aliados no campo agonístico da ciência. Para Haraway (2004, p.89), as práticas dos testemunhos modestos utilizam os dispositivos de inscrição para encobrirem o poder e a ação em objetos divorciados de contextualizações poluentes e nomeados por abstrações físicas. O ponto, tanto para Latour e Woolgar como para Haraway, é que a representação pública de um fato científico esconde o contexto social e o corpo político do cientista, bem como desconsidera as articulações entre o cientista e os outros actantes não-humanos.

A prática articuladora da escrita-ciborgue deve, por um lado, se preocupar com a interação de actantes humanos e não-humanos no processo de fabricação de modos de vida e, por outro lado, posicionar o corpo do cientista na produção de suas narrativas. Desse modo, as narrativas produzidas aqui buscam incorporar, dentro de suas histórias, parceiros inesperados que provoquem encontros e conversas excitantes. Histórias que não possuem nem começo, nem fim, mas que sejam continuações, interrupções e reformulações. Um lugar comum que proporcione, segundo Haraway, engajamentos em formas de vida com não-humanos em termos mais vivos do que aqueles do darwinismo e do marxismo.

Sendo assim, a escrita-ciborgue busca outros termos de interação com os outros-inapropriados para, assim, “refigurar conversas com [esses outros] que não são ‘nós’” (2004, p.139). Uma conversa em que o humano não é o centro das coisas e em que ninguém reclama acesso sem mediação com qualquer pessoa. Esse modo de conversar por outros termos permite, por exemplo, que os animais não sejam vistos como objetos que não possuem história ou que possuem um status de não-humano, ou então que não façam parte do relacionamento social. Isso não quer dizer que a autora pretende produzir novas representações. Ao contrário, ela busca fabricar novas práticas, outras formas de vida que reúnem os humanos e os não-humanos. Além disso, essa busca permite também que as mulheres não sejam vistas como uma projeção do desejo pelo outro. Como um elusivo, sedutor e não-confiável outro que assombra o homem. Dessa forma, a escrita-ciborgue busca construir uma conversa que “desafia a autonomização do eu, bem como a objetivação do outro” (2004, p.144).

Além disso, a escrita-ciborgue, por meio de sua política de articulação, busca produzir um tipo de testemunha modesta mais corpórea, opticamente densa

e queer (estranha). Uma escrita que seja tanto técnica como política, e que esses dois elementos sejam substâncias misturadas no interior dessa tecnologia. Uma prática vista como uma difração, como um saber localizado, que não mantém a separação entre o político e o técnico, em que o primeiro é atribuído a interpretação e o segundo é atribuído aos fatos. O técnico e o político na escrita proposta por Haraway não são diferenças ontológicas mas sim padrões que passam de um a outro no jogo da relacionalidade. Nesse sentido, eles estão em relação permanente no processo de produção de conhecimento.

A escrita-ciborgue é, portanto, uma tecnologia politico-analítica que não só se faz visível no processo de produção de conhecimento como também está aberta à intervenção crítica. É uma prática científica que forja conhecimentos de maneira não-inocente para, assim, construir diferentes possibilidades de vida. Em vez de ser uma testemunha cujo corpo não aparece em suas formulações transparentes, a testemunha queer dessa ciência procura constituir uma prática tecnocientífica que seja autoconsciente, responsável e antirracista. A ciência feminista de Haraway (2004, p.36) procura fazer a diferença no mundo, implicando-se por alguns modos de vida e por outros não. Para implicar-se é preciso estar em ação, em conversa, em movimento. É preciso ser finito, sujo e queer, nunca transparente e limpo.

Todas as relações que estão envolvidas na produção do conhecimento devem ser, na escrita-ciborgue, localizadas de maneira sempre parcial, sempre finita, devem estar sempre em um jogo intenso de figura e fundo, texto e contexto. Localização que não é nem transparente e nem auto-evidente. As testemunhas modestas feministas se preocupam em localizar nas contingentes articulações semióticas as figuras que não se encaixam e que têm as vozes silenciadas. São essas figuras corporificadas que movimentam a ficção tecnocientífica feminista e são suas articulações que possibilitam a proliferação de diferentes modos de existências na narrativa. A própria autora ou o próprio autor dessa ficção é também uma ficção, o que torna sua escrita dinâmica, movimentada e parcial. A intervenção dessa testemunha modesta feminista é exatamente o ponto de mudança na narrativa da ciência masculinista.

Desse modo, a ciência feminista proposta por Haraway pretende, por meio de sua escrita-ciborgue, ser localizada, corpórea, política, responsável. Outra metáfora corpórea e ótica usada por Haraway para pensar a emergência dos outros-inapropriados é o ciborgue. Essa figura é utilizada como um “ato de resistência, um movimento de oposição” ao circuito integrado construído pela tecnociência. O ciborgue é uma alegoria utilizada para mostrar tanto a corporeidade da teoria quanto os lugares fronteiriços habitados por coletivos humanos e não-humanos.

Assim como suas outras figuras, o ciborgue pretende elucidar a emergência dos outros-inapropriados dentro de uma prática feminista tecnocientífica parcial, localizada e política. Argumento aqui que esse ciborgue possibilita a produção de uma escrita que, em seu exercício, é permanentemente aberta ao surgimento de imagens inesperadas. É exatamente isso que caracteriza a escrita-ciborgue: um modo político-analítico de produzir conexões parciais e alianças provisórias com figuras excluídas, queer, sujas e opacas.

A ALIANÇA DO CIBORQUE COM A ESCRITA ANTROPOLÓGICA

A escrita corpórea e visível utiliza o ciborgue para fabricar essas conexões em meio as intensas conversas entre os actantes humanos e não-humanos. Nesse sentido, a escrita-ciborgue “tem a ver com o poder de sobreviver, não com base em uma inocência original, mas com base na tomada de posse dos mesmos instrumentos para marcar o mundo que marcou [as pessoas ciborgues] como outras” (HARAWAY, 2009, p.86). A escrita torna-se uma tecnologia política e de poder do ciborgue, o qual deve tanto lutar contra uma linguagem universal ocidental centrada no humano quanto manter um ruído e uma poluição sobre fronteiras e categorias de análises.

Uma escrita-ciborgue busca, desse modo, manter conversas potentes e não-inocentes com os outros-inapropriados. Para realizar esse objetivo, essa escrita se mantém sempre aberta à emergência dessas figuras excluídas das práticas tecnocientíficas. Essa alegoria ciborguiana é utilizada por Marilyn Strathern (2004) para pensar modos potentes e inesperados de estabelecer conexões parciais com as imagens que os Hagens tornavam visíveis⁹. Em sua máquina ciborguiana, Strathern propõe que as imagens nativas sejam capazes não só de desmontar e remontar os dispositivos analíticos da antropologia mas também de resistir às nossas imagens. Esse procedimento acontece durante a produção dos dois campos da antropóloga ou do antropólogo - o campo e a escrita.

Nesses dois campos aparecem imagens surpreendentes que são suscitadas por conexões inesperadas entre as figuras presentes neles. A antropóloga imerge, de forma parcial e total, nesses dois campos para que possa compreender “o efeito de certas práticas e artefatos na vida cotidiana” e também para “recriar alguns desses efeitos no contexto da escrita sobre eles” (STRATHERN, 2014, p.350). O aparecimento dessas figuras ocorre na articulação da relação entre os dois campos. Esse momento de articulação é chamado de momento etnográfico - é o momento em que a antropóloga habita os dois campos e no qual ela coloca em movimento as múltiplas imagens

9 Os Hagens são povos que habitam as Terras Altas da Papua-Nova Guiné.

deles. Desse modo, são nessas incompletas e inacabadas relacionalidades entre os dois campos que Strathern fabrica sua máquina ciborguiana.

Essas múltiplas imagens que aparecem tanto na escrita como no campo são postas em relação para que se construa um circuito integrado de múltiplas perspectivas. Esse circuito integrado permite que uma perspectiva, no momento da descrição, não seja apenas parte de um todo, uma vez que “outro ponto de vista, outra perspectiva ou domínio pode reescrevê-la como parte de outra coisa” (STRATHERN, 2014, p.388). Nesse sentido, as imagens que são tornadas visíveis nos dois campos não espelham-se umas em relação às outras. Ao contrário, elas produzem conexões imprevisíveis permanentemente inacabadas e parciais.

São imagens que, enquanto próteses, possibilitam ampliar a visualização de diferentes formas de vida. Imagens, analógicas ou metafóricas, que são usadas para o esforço antropológico de “criar um mundo paralelo ao mundo observado, através de um meio expressivo [o texto escrito] que estabelece suas próprias condições de inteligibilidade” (STRATHERN, 2006, p. 47). Confecciona-se, portanto, uma ficção antropológica por meio de conexões parciais e alianças potentes.

Uma escrita-ciborgue não é apenas uma possibilidade estética, é também uma tecnologia política cuja responsabilidade é a de produzir conexões com essas figuras que prometem trazer ruídos às imagens convencionais da ciência masculinista. Uma escrita que pretende, por meio de aliança perigosas e potentes, elucidar a emergência de outros-inapropriados na sua narrativa histórica. Escrita que faz parte de uma ciência que possui um corpo visível, opaco e queer. Esse corpo é o dispositivo ótico da ciência feminista - um dispositivo que visualiza, por meio de suas próteses, múltiplas formas de vida. Tal visualização é sempre finita e parcial. Finito, como sugere Strathern (2014, p.391), é o modo como alguém conserva a própria perspectiva e recebe a perspectiva de um outro simultaneamente. Esse é o momento em que o observador visualiza outras perspectivas de outras formas de vida e é, consequentemente, o momento em que o observador inclui, na sua narrativa, a perspectiva de outro como uma perspectiva.

O ciborgue possui, assim, um dispositivo ótico e corpóreo que é finito, e por isso, só permite estabelecer alianças parciais e provisórias na escrita antropológica. A parcialidade do ciborgue é a forma pela qual ele faz reivindicações por meio do seu corpo ao invés de uma visualização de cima. Todas as possibilidades de visão do ciborgue são limitadas por seu corpo e por suas perspectivas parciais. Sendo assim, a ciência feminista de Haraway busca construir um conhecimento que não tenha um campo de visão universal, mas que seja localizado e finito nas suas possibilidades de

ver. Esse é o ponto exato da metáfora do ciborgue que é usado por Strathern em seu argumento: as conexões realizadas na elaboração de sua escrita são sempre parciais e dependem da escala que a antropóloga ou o antropólogo escolhe para olhar. Nas várias escalas surgem figuras metafóricas que são postas, pela antropóloga, em relação com outras figuras para que, assim, seja evocado o aparecimento de múltiplas diferenças.

Esse exercício permite que a antropóloga ou o antropólogo produza circuitos integrados entre as diferentes figuras que vão aparecendo durante seu processo analítico-político. Nesse processo, a comparação é o ato de feitura dessas conexões, e é o que evoca uma figura metafórica. Segundo Strathern (2004, p.39 e 40), essas figuras permitem, enquanto extensões protéticas, ver as relações sociais como compostas de pessoas diferentes, umas exteriores às outras, ao invés de entender essas relações como uma unidade orgânica fechada. Essas extensões são próteses que fornecem capacidades diferentes de ver como as pessoas constroem o mundo e como elas se relacionam umas com às outras. Nesse sentido, essa escrita antropológica sugerida por Strathern objetiva produzir conexões parciais entre imagens permanentemente abertas e inesperadas, para que, assim, seja evocado diferentes modos de existir no mundo.

Como já dito, o ciborgue é uma alegoria metafórica que possibilita uma nova forma para a antropologia se relacionar com a escrita. Uma escrita que pretende estabelecer ligações mais potentes e criativas com imagens que emergem do seu primeiro campo. É isso que caracteriza a escrita proposta por Strathern como um poderoso exemplo de escrita-ciborgue: uma escrita tecno-política que pretende elucidar novas possibilidades de conversar com os outros-inapropriados dentro de um lugar comum.

Esse modo de fazer conexões parciais entre as imagens do antropólogo ou da antropóloga e as imagens que aparecem no seu campo para assim, construir o seu ciborgue na escrita, também é pensado por Marcio Goldman (2003, 2008). Goldman argumenta que o antropólogo deve, em suas conexões parciais com as imagens nativas, se deixar afetar e se pôr em movimento por elas. Sua máquina ciborguiana é permanente atravessada por afecções e movimentos provocados por imagens inesperadas que emergem do seu campo e da sua escrita. Essas afecções provocam, segundo Favret-Saada (2005, p.159), modificações ou mobilizações no próprio estoque de imagem do antropólogo e estabelecem, assim, uma rede de comunicação específica com o nativo. Uma comunicação sempre involuntária e desprovida de intencionalidade, que pode ser verbal ou não.

As afecções devem ser trazidas pelo antropólogo no momento da escrita para modificar suas imagens cristalizadas pela própria teoria antropológica. De acordo com Goldman (2003), as afecções compõem, decompõem e modificam um indivíduo. E no ato de escrever que o antropólogo revive esses afetos outra vez. Dessa forma, ao ouvir os tambores dos mortos ele sofre afecções do campo que são revividas em sua escrita. Nesse segundo campo, os afetos revividos são conectados com suas imagens antropológicas de magia e política. E, como efeito desse procedimento, essas imagens são desmontadas e remontadas na sua máquina-ciborguiana.

A escrita, segundo o autor, promove a desterritorialização dos afetos sofridos no campo e os territorializa em um novo solo (a escrita). De acordo com Goldman (2003, p.9) o antropólogo não pode ser nem um cientista cujas teorias transcendem a experiência partilhada, nem apenas mais um narrador que acrescenta seu relato a todos os demais. Assim, é possível dizer que, o antropólogo deve construir uma máquina ciborguiana que seja afetada pelas imagens nativas e que produza conexões parciais com essas imagens no momento da escrita.

O ciborgue é usado por Strathern e Goldman como uma imagem para pensar a fabricação de uma escrita antropológica que seja sempre aberta à emergência de outras imagens inesperadas. Essas imagens possibilitam que a antropóloga ou o antropólogo construa conexões parciais com suas próprias imagens no momento da escrita e, assim, produza uma máquina ciborguiana potente e nunca acabada. Assim, essa imagem do ciborgue é utilizada para a construção de uma escrita que, ao invés de usar uma metáfora orgânica fechada para visualizar a composição das relações, procura entender as relações a partir de conexões parciais e alianças provisórias. O objetivo político dessa escrita é elucidar como, por meio dessas conexões, se modula, multiplica e inventa novas formas de se relacionar no mundo. Uma escrita que, portanto, procura eliciar a proliferação de diferenças.

Esse é exatamente o objetivo da escrita-ciborgue: elaborar uma narrativa que incorpore imagens inesperadas, queer, opacas nas narrativas masculinas, transparentes, brancas e heterossexuais da tecnociência. Imagens que busquem estabelecer novos tipos de conversas com as outras imagens já produzidas pela narrativa tecnocientífica. Uma escrita que torna visível o aparecimento desses outros-inapropriados apagados das histórias dessas ciências masculinistas. Nesse sentido, se trata de uma escrita que seja permanente aberta à alianças perigosas com essas figuras potentes que emergem de práticas mundanas.

A escrita-ciborgue é um modo corpóreo de produzir ciência. Ser corpórea significa que seu campo de visualização é limitado e parcial e que esse corpo se

relaciona intimamente com os outros actantes da paisagem. É esse corpo que possibilita a essa ciência ser responsável e política, uma vez que ela não pretende ser auto-invisível na elaboração de sua ficção. Além disso, essa escrita é uma forma de elucidar a emergência de outras figuras históricas que são silenciadas na produção dessa ciência masculinista. Figuras que modulam, multiplicam e inventam outras formas de conversar, interagir e relacionar com outras figuras. São, assim, imagens que possibilitam a emergência de novos modos de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Haraway (2003), a teoria feminista deve se preocupar com a emergência, o processo, a historicidade, a diferença, a especificidade, a co-habitação e a contigência de mundos existentes. Em suas palavras, “a investigação feminista é sobre o entendimento de como as coisas funcionam, quem está na ação, o que seria possível e como atores mundanos poderiam de alguma maneira serem responsáveis por e se amarem de forma menos violenta” (2003, p.7). A escrita-ciborgue é a tecnologia político-analítica utilizada por essa ciência feminista para elucidar esses múltiplos movimentos dos mundos existentes.

O que a escrita-ciborgue pretende é mostrar outros modos de existir que possibilitem tornar o mundo um lugar mais habitável. Para isso, essa escrita busca fazer alianças com figuras queer, opacas e sujas que emergem dos lugares negligenciados na produção de narrativas históricas e científicas da tecnociência. Como efeito dessas alianças, outros corpos, gêneros, estéticas, sexualidades, etnias são incorporados nessas narrativas. A presença dessas figuras improváveis provoca novos ruídos, novos sons e novas vozes nas práticas científicas.

O objetivo expresso por Haraway é produzir figuras que confrontem e resistam à representação para, assim, gerar novos tropos ou novas metáforas. A proliferação dessas alegorias metafóricas possibilita a visualização de múltiplos modos articulados de existir no mundo. Essa articulação é realizada em conversas não-inocentes entre actantes humanos e não-humanos. Nesse sentido, a ciência feminista de Haraway é uma política de articulação que coloca em relação os diferentes imagens confusas e não-gramaticais.

Nessa prática articulada, como mostrado mais acima, tanto os cães como os humanos são entendidos como fluxos multidirecionais de corpos e valores que, segundo Haraway (2003), se relacionam de forma multiforme em um jogo inacabado e consequente. Desse modo, animais e pessoas modulam relações dentro da “natureza artefactual”. Nesse lugar comum, o mundo não é fabricado a partir de uma

intencionalidade humana, ao contrário, ele é produzido pelas constantes e intensas interações entre os parceiros humanos e não-humanos. Os humanos e as espécies de companhia elaboram modos de existir de forma conjunta. Uma forma que é sempre heterogênea, contingente e inacabada.

Não há, além do mais, um lugar vazio para onde os homens direcionam suas ações e intenções, a fim de produzir práticas culturais. A natureza não é um lugar controlado ou dominado pelo homem. Ela é um lugar tópico ou um lugar comum onde os diversos organismos humanos e não-humanos constroem o mundo. É nesse sentido que Haraway também usa a imagem metafórica do Chthulucene para pensar as mudanças ambientais sofridas pela Terra devido às intervenções humanas. O Chthulucene é usado para mostrar que os movimentos do mundo não são apenas provocados pela ação humana. Ao contrário, todos os processos de mudanças do mundo são realizados por agências não-humanas e, por suas relações com os humanos.

Como venho defendendo nesse artigo, a primeira característica fundamental da escrita-ciborgue é o uso de imagens inesperadas para visualizar as diferentes conversas que são estabelecidas entre actantes humanos e não-humanos. Isso permite que as imagens tornem visíveis uma multiplicidade de heterogêneas formas de existir no mundo. A segunda característica fundamental da escrita-ciborgue é a produção de uma ficção que seja corpórea, parcial, finita e limitada. Uma ficção que não pretende ser modesta, pura, transparente e auto-invisível. Esse corpo permite que a escrita seja uma prática política e técnica simultaneamente, ao invés de ser uma prática que produz um fato científico puramente técnico. Nessa última, o cientista é uma testemunha modesta que auto-invisibiliza seu corpo no processo de fabricação de suas práticas. Isso possibilita que sua ciência seja puramente objetiva, factual, transparente e límpida.

De outro modo, Haraway propõe que sua testemunha modesta seja corpórea, localizada e política. Sua ciência, nesse sentido, pretende produzir práticas que estabeleçam alianças provisórias e não-inocentes com figuras ruidosas e perigosas. Uma escrita corpórea cujo campo de visualização seja sempre limitado, situado e finito. Assim, a escrita-ciborgue é uma escrita marcada pelos limites do seu próprio corpo no espaço e no tempo. Essas duas características da escrita-ciborgue possibilitam a produção de forma textual que, como sugere Haraway, se implica por alguns modos de vida e por outros não.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CROCKFORD, Susan J. 2000. "Dog Evolution: A Role for Thyroid Hormone Physiology in Domestication Changes." In: _____. (Ed.) **Dogs through Time: An Archaeological Perspective**, pp. 11-20. Oxford, England: BAR International Series 889.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 8, n.18, pp. 93-112, dezembro de 2012.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, tradução de Paula de Siqueira Lopes, n. 13, p. 155-161, 2005.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Revista de Antropologia**, v. 46, n. 2, São Paulo, 2003.

_____. Os tambores do antropólogo: antropologia pós-social e etnografia. **Ponto Urbe**, São Paulo: NAU/ USP, ano 2, versão 3.0, jul. 2008.

_____. Da existência dos bruxos (ou como funciona a antropologia). **Revista de Antropologia da Ufscar- R@U**, vol.6 (1), p.7-24. jan./jun. 2014.

HARAWAY, Donna Jeanne. Anthropocene, Capitalocene, Plantationocene, Chthulucene: Making Kin. **Environmental Humanities**, vol. 6, 2015, pp. 159-165.

_____. "Gênero" para um dicionário marxista: a política sexual de uma palavra. **Cadernos Pagu**, tradução de Mariza Corrêa, (22) 2004.

_____. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismosocialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz(Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do póshumano**, 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. – (Mimo).

_____. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, tradução de Mariza Corrêa, (5), 1995.

_____. **The Companion Species Manifesto: Dogs, People and Significant Otherness**. Chicago: Prickly Paradigm Press. 2003.

_____. **The Haraway Reader** New York: Routledge, 2004.

_____. **Modest_Witness@Second_Millennium.FemaleMan©_Meets_ Onco-mouse™**. New York and London: Routledge, 1997.

HARAWAY, Donna; ISHIKAWA, Noboru; GILBERT, Scott F; OLWIG, Kenneth; TSING, Anna L. & BUBANDT, Nils. Anthropologists Are Talking – About the Anthropocene, **Ethnos**, 2016, 81:3, 535-564.

LATOUR, Bruno, & WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

STRATHERN, Marilyn. O efeito etnográfico. In: _____. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. São Paulo: Cosac Naify, 2014. Pp. 345-405.

_____. **O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanésia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

_____. **Partial connections**. Savage, Maryland: Rowman and Littlefield (1991). Reissued by AltaMira Press, Walnut Creek, CA. (2004).

TRINH, Minh-ha T. **She, The Inappropriated Other**. Discourse 8.